

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA -TEA

Ticianilde Alves de Sousa Santos¹

Josefa de Souza Oliveira Caldas²

Maria Leudina Dias Silva³

Rosangela Gomes de Sena⁴

Márcia de Oliveira Abreu⁵

RESUMO

O presente trabalho apresenta a pesquisa realizada sobre o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Os objetivos são de grande importância para se ter o conhecimento a respeito desse transtorno. Para fazer acontecer é necessário fazer uso de metodologias específicas que atendam a cada aluno de acordo com sua necessidade, em que essas metodologias sejam auxiliaadoras nos trabalhos de professores em sala de aula e com isso facilitando o ensino aprendizagem desse aluno. Diante de toda essa pesquisa foi elaborado o referente artigo em que foi apresentado o que é Transtorno do Espectro Autista, o quanto que cada criança é única dependendo do tipo ou grau de autismo que carrega em seu genes para assim serem mostradas estratégias adequadas em que todo um grupo de profissionais sejam capazes de compreender tais fatores tão importantes desde os primeiros momentos de manifestação em seu desenvolvimento e o quanto antes for identificado para melhor atende-las e também incluindo a família orientando sobre o assunto, para que todos possam compreender esse transtorno que tanto afeta as crianças em seu desempenho intelectual. Levando em consideração todo esse exposto em que todos possam estarem envolvidos nessa longa caminhada por crianças que tanto tem necessidade de um bom acompanhamento promovendo com tudo isso a inclusão outro assunto que também é bastante questionado por profissionais. Bastantes discussões sobre esse assunto e essa troca de informações leva a conclusão de que se as pessoas envolvidas de fato estiverem comprometidas no mesmo propósito certamente teremos uma realidade diferente, mais adequada, acolhedora e inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Inclusão Legislação. Diagnostico.

¹Ticianilde Alves de Sousa Santos, Formada em Licenciatura em Química no IFMA; Nutrição Universidade Guarauapes Recife; Pós Graduada em Gestão da Qualidade e Segurança Alimentar; Mestrando em Ciências da Educação da world University Ecumenical – WUE– email: ticianenutri@outlook.com

²Josefa de Souza Oliveira Caldas, Mestrando em Ciências da Educação da world University Ecumenical – WUE – email: josefaoliveiracaldas@gmail.com

³Maria Leudina Dias Silva, Mestrando em Ciências da Educação da world University Ecumenical – WUE – email: leudinad@gmail.com

⁴Rosangela Gomes de Sena , Mestrando em Ciências da Educação da world University Ecumenical – WUE – email:zansags@hotmail.com

⁵Márcia de Oliveira Abreu -World University Ecumenical /WUE – email:marcia2015julio@gmail.com.

ABSTRACT

This work presents the research carried out on Autism Spectrum Disorder – ASD. The objectives are of great importance in gaining knowledge about this disorder. To make it happen, it is necessary to use specific methodologies that serve each student according to their needs, in which these methodologies help in the work of teachers in the classroom and thus facilitate the teaching and learning of that student. In view of all this research, the relevant article was prepared in which it was presented what Autism Spectrum Disorder is, how each child is unique depending on the type or degree of autism they carry in their genes so that appropriate strategies can be shown in which a whole group of professionals are able to understand such important factors from the first moments of manifestation in their development and as soon as possible it is identified to better serve them and also including the family providing guidance on the subject, so that everyone can understand this disorder that affects children so much in their performance. intellectual. Taking into account all of this, everyone can be involved in this long journey for children who are in great need of good monitoring, promoting the inclusion of another subject that is also frequently questioned by professionals. There have been enough discussions on this subject and this exchange of information leads to the conclusion that if the people involved are truly committed to the same purpose, we will certainly have a different, more adequate, welcoming and inclusive reality.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Inclusion. Legislation. Diagnosis.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neuro desenvolvimento, marcado por comprometimentos nas habilidades de comunicação social e pela presença de padrões de comportamentos estereotipados, repetitivos e restritos. O conjunto de déficits que uma pessoa com TEA apresenta varia em graus de intensidade (podendo ser leve, moderado ou severo) e também de indivíduo para indivíduo (déficits diferentes em pessoas diferentes). Isso implica uma caracterização do TEA como um continuum ou espectro com ampla variação na forma como se apresenta clinicamente (JEANE A. M. R. ARAUJO; ANDRÉ B. VERAS; ANDRÉ A. B. VARELLA . 2019).

No Brasil, a Lei nº 12.764, promulgada em 2012, classificou o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como uma deficiência, Sem dados oficiais sobre essa população em território nacional, o mapeamento estatístico federal segue em andamento, pela primeira vez, com o Censo Demográfico, sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como um conceito em formação aplicado a um corpo humano que opera e se manifesta diferentemente da média, o autismo é atravessado pelas mudanças históricas e sociológicas que ocorrem no âmbito da deficiência.(FERNANDA V. G. DEBETTO; GUSTAVO S. SALDANHA, 2023)

Sua etiologia ainda é desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança, O reconhecimento da sintomatologia manifestada pela criança com autismo é fundamental para a obtenção do diagnóstico precoce, Os sinais possuem expressividade variável e geralmente iniciam-se antes dos três anos de idade. A criança com TEA apresenta uma tríade singular, a qual se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses. Neste tipo de transtorno, podem também fazer parte da sintomatologia movimentos estereotipados e maneirismos, assim como padrão de inteligência variável e temperamento extremamente lábil, Portanto, é uma situação que desencadeia alterações na vida familiar devido às necessidades de acompanhamento da criança para seu desenvolvimento (RAYSSA N. M. PINTO *et al* 2016). O presente artigo de revisão bibliográfica, tem como objetivo apresentar uma abordagem histórica da educação especial e inclusiva, ressaltando acontecimentos essenciais para o reconhecimento do TEA. Dessa forma ira nos permitir a compreensão do Transtorno, tanto para os profissionais da educação, saúde, como também para seus familiares, esclarecendo que tais conhecimentos vai nos ajudar a trabalhar com pessoas autista.

REVISÃO DA LIERATURA

A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO.

A família e os profissionais da educação se questionam sobre a inclusão dessas crianças, pois a escola necessita de adequações. Battisti, Heck, e Michels (2015), salientam o desafio que as escolas enfrentam quando recebem crianças com deficiências, pois necessitam de adequações ambientais, curriculares e metodológicas para o desenvolvimento do ensino aprendizagem; é necessário que haja comprometimento para que assim tenha inclusão escolar; professores, alunos, pais, diretor, comunidade e todos que participam da vida escolar direta ou indiretamente. É preciso assegurar a permanência com qualidade para que o acesso seja garantido , é imprescindível que o educador transmita confiança e segurança para que o aluno consiga aprender de forma significativa .

O Currículo Funcional Nacional é um currículo importante para a promoção da autonomia e estímulos das crianças, cujo objetivo central é tornar o aluno mais produtivo, independente e mais aceito socialmente. É necessário um treinamento adequado, caso contrário a metodologia utilizada em sala de aula não servirá para atingir o objetivo desejado; o alcance da aprendizagem. O professor precisa estar ciente de que é importante que ele mude

suas crenças e atitudes para que a criança autista possa aprender de forma significativa (LIBÂNEO J,C,2012).

É preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializados, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças; na convivência dessas crianças com outras será permitido que suas habilidades interativas sejam estimuladas, evitando o isolamento, dessa forma o ensino regular irá favorecer o desenvolvimento, através do convívio e de troca de relações. É importante que a criança autista se sinta segura e próxima do professor, para que possa ser garantido um ensino aprendizagem de qualidade. É preciso capacitar todos os envolvidos com a criança autista e desenvolver novas formas de comunicação e interação por meio de atividades lúdicas que possibilitem aprendizagem e inclusão ((LIBÂNEO,2012).

A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NA PERSONALIDADE DO AUTISMO

A família é de fundamental importância na formação do sujeito, ou seja, ela é um fator importante para a constituição da personalidade e influência, o comportamento por meio da convivência e de seus ensinamentos, sendo também a responsável por cuidar, proteger e ensinar o indivíduo a viver em sociedade (MENESES, 2013).

A chegada de um novo membro seja planejado ou em uma situação inesperada, é muito natural a família idealizar tudo perfeito, com planos detalhando a educação que deseja oferecer, planeja tudo que tenha haver em respeito aquela criança que está a chegar. Mas nem sempre as coisas saem conforme o esperado, o diagnóstico do Trastorno do Espectro Autista, por exemplo, demanda uma série de mudanças nos planos, na rotina e no futuro dessa família, por tanto é normal que os pais se preocupem (MENESES, 2013).

Mas é comum o fato dos pais não aceitarem o diagnóstico de primeiro momento, assim atrasando o tratamento da criança, em busca de outros médicos em busca de outros diagnósticos ou opiniões satisfatórias (MENESES, 2013).

De acordo com especialistas, o TEA sérios comportamentos como a dificuldade para interagir socialmente, como manter o contato visual, identificar expressões faciais e compreender gestos comunicativos, expressar as próprias emoções e fazer amigos. Dificuldade na comunicação, caracterizado por uso repetitivo da linguagem e dificuldade para iniciar e manter um diálogo (ALMEIDA, 2018).

Podemos concluir que o autismo não afeta apenas o indivíduo, mas também todos os demais membros que convivem ao seu lado, dessa forma o auxílio dos pais é fundamental para o desenvolvimento, intervenção e tratamento do mesmo, podendo contar com a ajuda de

uma equipe de multiprofissionais, ou seja de diversas áreas, como Psicólogo, Neuropediatra, fonoaudiólogo, Pisipedagogo, Terapeuta Ocupacional, Pedagogo, nutricionista, etc. Por tanto, tanto a família como a equipe multifuncionais precisam trabalhar juntos para que consiga a grande evolução no tratamento de TEA (ALMEIDA, 2018).

A IMPORTANCIA DO DIAGNOSTICO PRECOCE DO AUTISMO

Na nova versão da classificação (CID-11), a ser implantada em 2022, essa categoria passa a ser denominada transtorno do espectro autista (TEA) e exclui a síndrome de Rett e o transtorno com hipercinesia e retardo, aproximando-se da 5ª revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e enfatizando cognição, capacidade intelectual e linguagem funcional. Crianças com TEA tendem a apresentar problemas no desenvolvimento entre os 12 e 24 meses, mas os sinais de alerta podem ser percebidos antes de completarem um ano. Diversos autores trazem dados convergentes de que o diagnóstico precoce favorece e potencializa as possibilidades de intervenção em fases iniciais do desenvolvimento infantil por possibilitar a aquisição de repertório, como o desenvolvimento das habilidades: cognitivas, como a linguagem verbal e comunicação ; sociocognitivas, como a atenção compartilhada¹⁰; e comportamentais, como autonomia e habilidades sociais. Alguns autores também descrevem que o diagnóstico precoce auxilia na melhor orientação de pais através da psicoeducação e do desenvolvimento de estratégias de manejo. Neste sentido, a importância do diagnóstico precoce do autismo fica cada vez mais evidente na literatura, em função do impacto potencial da intervenção, que propicia a estimulação da criança. Isso porque, nos primeiros anos de vida, há maior capacidade de organização neural, o que favorece melhor prognóstico e qualidade de vida. Os pais são, geralmente, os primeiros a suspeitarem^{5,6}, mas o desconhecimento dos aspectos do desenvolvimento esperados para cada idade pode retardar a procura por assistência (VANIA R. GIRIANELL, *et al.* 2023).

Nos Estados Unidos, diversos casos são identificados em crianças com a média de idade entre 3 e 4 anos (8). No Brasil, uma em cada 160 crianças tem TEA, portanto, considera-se que 2 milhões de pessoas se encontram dentro do espectro autista (9,10). Nas últimas décadas, a ocorrência de novos casos de autismo tem crescido em muitos países (11). Este incremento pode estar relacionado a um maior conhecimento sobre o transtorno, consequentemente, a uma percepção cada vez mais precoce e clara sobre os critérios de diagnóstico, embora ainda em muitos centros de saúde há uma carência no reconhecimento dos sintomas do TEA (BRUNA F. STEFFEN, *et al*, 2019).

O diagnóstico do TEA baseia-se principalmente no quadro clínico do paciente, com critérios estabelecidos no DSM V. Se detectado nos primeiros 36 meses alguns dos sintomas descritos no manual, associados a intervenções de longo prazo, o prognóstico terá um impacto positivo, pois a idade no início do tratamento é um dos fatores determinantes para a sua melhor evolução. Desta forma, os piores prognósticos estão diretamente relacionados com o diagnóstico após os três anos de idade, uma vez que após essa idade a criança tem mais dificuldade de se adaptar para uma melhor relação consigo e com os outros. Assim, um prognóstico favorável será possível por meio da adoção do tratamento antes da cristalização dos sintomas (CANUT A.C.A, *et al* 2014)

Entretendo, apesar dos grandes avanços nos estudos, muitas crianças ainda continuam por muitos anos sem um diagnóstico ou com diagnósticos inadequados, devido ao grande prejuízo em termos de capacitação e conhecimento profissional. Assim, profissionais da saúde, educação e outras áreas relacionadas, que possuem a infância como foco, devem estar cada vez mais preparados para se deparar com casos de autismo nas suas práticas, sendo de extrema importância o conhecimento do tema para identificação dos sinais, diagnóstico e intervenção precoce (BRUNA F. STEFFEN, *et al*, 2019).

METODOLOGIA

Para elaboração desta revisão de literatura, a metodologia utilizada foi do tipo pesquisa bibliográfica e teve como principais descritores: autismo, Transtorno do Espectro Autista, família, e diagnóstico precoce. Foi realizado uma pesquisa a partir de levantamentos em livros, artigos disponíveis em bibliotecas virtuais e base de dados científicos confiáveis como Scielo e Google Acadêmico. Para a seleção dos artigos foram adotados como critérios de inclusão artigos publicados de 2013 até 2024, salvo as referências básicas para a produção do artigo. Após o levantamento do material bibliográfico foi realizado a etapa de análise e interpretação das informações para discussão e descrição do tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A família do indivíduo com autismo possui papel decisivo no seu desenvolvimento educacional. Trata-se de famílias que experimentam dores e decepções em diversas fases da vida, começando pelo momento da notícia da deficiência e durante o processo de desenvolvimento da criança. A família pode colaborar de maneira muito especial para o desenvolvimento da criança portadora de autismo na escola, principalmente fornecendo aos profissionais da educação as informações sobre as formas de comunicação da criança.

Havendo pelo menos uma forma de comunicação utilizada pela criança, as outras podem ser desenvolvidas (Peteeer, 1998 apud Serra, 2010). A matrícula da criança portadora de autismo na escola pode trazer alterações no seio familiar, na medida em que a criança está frequentando mais um grupo social e tendo a oportunidade de conviver com outras crianças. Os pais, por sua vez, passam a conviver com outros pais nesse novo universo e a acreditar nas possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem sistemática de seus filhos. De acordo com Silva (2019), é de suma importância o estabelecimento de vínculos entre familiares, professores, crianças e demais profissionais envolvidos para que as atividades propostas estejam direcionadas às necessidades e peculiaridades de cada criança.

Quando pensamos na criação e desenvolvimento saudável de qualquer criança, rapidamente nos remetemos ao papel no núcleo familiar e de todos os adultos envolvidos no seu cuidado.

Isso não é diferente quando nos voltamos para a realidade de crianças com TEA, que precisam de todo apoio, suporte e afeto, assim como qualquer outra criança. Acontece que, no contexto do TEA, o papel da família fica evidente quando compreendemos que mesmo as intervenções diretas com a criança só têm o efeito desejado quando são mantidas em todos os ambientes que a criança vive; é o que chamamos de generalização.

É por isso que tanto se fala sobre o trabalho de orientação parental, quando falamos sobre autismo. Qual o foco da orientação de pais? O trabalho com pais ou com as pessoas cuidadoras tem como objetivo ensinar os princípios básicos do comportamento e estratégias comportamentais, para capacitá-los a fazer o manejo adequado do comportamento de seus filhos. É assim que todo o núcleo familiar ganha autonomia para oferecer o ambiente adequado para o desenvolvimento saudável da criança autista. Além disso, é nesse contexto que são dadas informações importantes sobre quais são as práticas parentais positivas na criação dos filhos. O que a ciência tem a dizer sobre o papel da família no desenvolvimento da criança com TEA, Não são poucos os estudos que têm como foco estudar práticas positivas na criação de filhos.

Acontece que quando falamos de pais de crianças atípicas o número de estudos nesse campo baixa drasticamente, revelando uma ausência de evidências que poderiam ajudar, ainda mais, as famílias que convivem com TEA, e as próprias pessoas autistas. Considerando os dados apresentados, fica claro que quando pensamos em desenvolvimento infantil, sobretudo de crianças no espectro, estamos falando de todo o núcleo familiar e dos adultos que fazem parte do cuidado com a criança.

Não existe intervenção para o desenvolvimento infantil que seja efetiva sem que a família esteja envolvida. A seguir são citados alguns estudos que nos ajudam a entender qual o papel e importância da família na vida da criança no espectro.

Os resultados revelam que a inclusão da criança com autismo na escola é um processo que está em construção e que ainda está em um estágio inicial. Isto porque, apesar da legislação vigente, a escola não está preparada para ofertar um ensino de qualidade para o aluno com autista. Falta infraestrutura, profissionais especializados e capacitação para os docentes. De acordo com os artigos analisados foi possível observar, principalmente, dificuldades relatadas pelos professores em relação às características próprias ao Transtorno do Espectro Autista. Com isso evidenciaram essas dificuldades dos professores em realizar observações e intervenções diferenciadas, justificada pelo fato de terem que atender aos demais alunos; o fato de não observar os alunos com TEA demonstra uma desvantagem em termos do processo de inclusão escolar, uma vez que é necessário apreender detalhes da criança, os quais servirão como indicativos de sua zona de desenvolvimento, para que suas particularidades sejam consideradas durante as adaptações necessárias. (DIVINA E. A. PEIXOTO; MARIANA L. MENDES, 2022)

Nos resultados do estudo é observado algumas que foram mais apontadas pelos professores como dificuldades no processo de inclusão. Nesse ponto é interessante observar que a categoria comportamento e comunicação foram mais expressadas que a categoria dificuldades pedagógicas. Os resultados do estudo acima corroboram com os os professores entrevistados apresentaram uma necessidade de suporte para lidar com as particularidades destas crianças; considerando ainda que, os conhecimentos que tiveram em sua formação não foram suficientes. Observa-se ainda que uma das dificuldades apontadas pelos professores nesses estudos, não se referem exatamente ao conhecimento sobre as características do diagnóstico dos alunos com TEA, mas sim, a falta de conhecimento e formação consideradas deficitárias para lidar com os desafios práticos em sala de aula Cabe ressaltar que se faz extremamente necessária a formação continuada dos professores no que tange o aprimoramento a questões práticas relacionadas à inclusão no ambiente escolar. também destacou a ausência de suporte pedagógico adequado por parte das instituições. Os resultados indicaram que os professores enfrentam dificuldades em obter o apoio necessário, previsto legalmente, como a disponibilidade de um auxiliar ou acompanhante quando necessário, bem como serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) dentro da própria escola. (DIVINA E. A. PEIXOTO; MARIANA L. MENDES, 2022)

Dentre os diagnósticos abordados, o Brasil apresentou, nesse período, uma proporção de diagnóstico de autismo infantil de 31,9% no CAPSi, variando de 23,7% no Norte a 39,0% no Nordeste. O TGD (Transtorno global do Desenvolvimento), sem tipificação apresentou maior proporção no Norte (73,1%) e menor no Sul (36,5%), região que teve, porém, a maior proporção de TGD não especificado (17,5%). A idade média e mediana foi maior para autismo atípico, enquanto a mediana de idade foi a mesma para os demais transtornos. Em relação às regiões, observaram-se algumas variações: a região Norte apresentou maior média de idade para autismo atípico e menor para outros TGD – porém com ocorrência de poucos casos, e primeiro quartil superior à distribuição no Brasil para todos os diagnósticos. Para as regiões Nordeste e Sudeste, assim como para o Brasil, com exceção do diagnóstico de autismo atípico, o diagnóstico precoce ocorreu em 25% dos casos (**Tabela 1**). (VANIA R. GIRIANELL, *ET AL.* 2023).

A **Tabela 2** apresenta os resultados do RRb e RRa, e os respectivos intervalos com 95% de confiança (IC95%). O diagnóstico precoce de crianças com autismo infantil foi 48% maior do que de autismo atípico. As demais categorias também apresentaram diagnóstico precoce maior que o autismo atípico: TGD sem designação de subtipo (RRb = 1,55), outros TGD (RRb = 1,48) e TGD não especificado (RRb = 1,44).

Existe certo consenso entre os especialistas de que o autismo é decorrente de disfunções do sistema nervoso central (SNC), tais desordens levam a um padrão do desenvolvimento da criança. Apesar dessas evidências de anormalidades no neurodesenvolvimento vinculadas ao autismo, por conta da complexidade do SNC e da grande variabilidade de manifestações sintomatológica, a etiologia do autismo ainda é desconhecida. Relata-se que seja uma desordem heterogênea e multifatorial, influenciada por fatores ambientais, genéticos e neurológicos, Além disso, o controle desta inflamação reverteu alterações que essa provocava nos neurônios, células responsáveis por armazenar e transmitir informações no cérebro e que se encontram mais jovens no autismo (BRUNA F. STEFFEN, *et al*, 2019).

Tabela 1. Distribuição proporcional do diagnóstico de autismo e outros tipos de TGD (Transtorno global do Desenvolvimento) atendidos no CAPSi e respectiva média e mediana de idade de diagnóstico segundo região de residência. Brasil, 2013_2019

Região de residência	Diagnóstico	n	%	Idade da criança (em anos)						
				Média	Desvio padrão	Mediana	1º Quartil	3º Quartil	Min.	Max.
Norte	Autismo atípico	13	1,0	7,3	2,0	6,0	6,0	9,0	5	11
	Autismo infantil	322	23,7	6,3	2,7	6,0	4,0	8,0	1	12
	TGD geral	993	73,1	6,1	2,8	6,0	4,0	8,0	1	12
	Outros TGD	2	0,1	4,5	0,7	4,5	4,3	4,8	4	5
	TGD não especificado	28	2,1	5,8	2,7	5,5	3,8	7,0	2	12
	Subtotal	1.358	100,0	6,2	2,7	6,0	4,0	8,0	1	12
Nordeste	Autismo atípico	203	3,7	5,9	2,8	5,0	4,0	7,5	1	12
	Autismo infantil	2.144	39,0	5,0	2,7	4,0	3,0	7,0	1	12
	TGD geral	2.798	50,9	5,2	2,8	5,0	3,0	7,0	1	12
	Outros TGD	133	2,4	5,3	2,9	5,0	3,0	7,0	1	12
	TGD não especificado	217	3,9	5,4	2,6	5,0	3,0	7,0	1	12
	Subtotal	5.495	100,0	5,2	2,8	4,0	3,0	7,0	1	12
Centro-Oeste	Autismo atípico	36	4,0	6,3	2,8	5,5	4,0	9,0	2	12
	Autismo infantil	235	26,2	5,6	2,8	5,0	3,0	8,0	1	12
	TGD geral	590	65,8	5,7	2,9	5,0	3,0	8,0	1	12
	Outros TGD	6	0,7	6,7	4,3	5,0	3,3	10,5	3	12
	TGD não especificado	30	3,3	5,9	2,9	6,0	4,0	8,0	1	12
	Subtotal	897	100,0	5,7	2,8	5,0	3,0	8,0	1	12
	Autismo atípico	308	2,4	6,3	3,0	6,0	4,0	9,0	1	12
	Autismo infantil	3.815	29,4	5,5	2,8	5,0	3,0	7,0	1	12
	TGD geral	7.646	59,0	5,4	2,9	5,0	3,0	7,0	1	12

(VANIA R. GIRIANELL, *et al.* 2023).

Tabela 2. Risco relativo bruto e ajustado dos fatores associados ao diagnóstico precoce das crianças com diagnóstico de autismo e outros tipos de TGD atendidas no CAPSi. Brasil, 2013 a 2019.

Variáveis	RRb	IC95%	RRa	IC95%
Diagnóstico inicial				
Autismo atípico	1,00	-	1,00	-
Autismo infantil	1,48	1,27–1,71	1,43	1,23–1,66
TGD geral	1,55	1,34–1,80	1,50	1,29–1,74
Outros TGD	1,48	1,21–1,81	1,49	1,21–1,83
TGD não especificado	1,44	1,22–1,69	1,49	1,26–1,76
Origem				
Outros ^a	1,00	-	1,00	-
Atenção básica	1,51	1,37–1,68	1,40	1,26–1,55
Demanda espontânea	1,45	1,31–1,61	1,29	1,16–1,43
Ano do diagnóstico				
2013	1,00	-	1,00	-
2014	1,25	1,15–1,35	1,25	1,15–1,35
2015	1,26	1,16–1,36	1,24	1,15–1,35
2016	1,34	1,24–1,44	1,33	1,23–1,44
2017	1,43	1,34–1,54	1,41	1,37–1,58
2018	1,50	1,40–1,60	1,47	1,37–1,58
2019	1,40	1,31–1,52	1,40	1,30–1,50
Região de residência				
Norte	1,00	-	1,00	-
Nordeste	1,86	1,67–2,08	1,90	1,70–2,13
Centro-Oeste	1,52	1,31–1,76	1,51	1,31–1,76
Sudeste	1,71	1,54–1,90	1,69	1,52–1,88

(VANIA R. GIRIANELL, *et al.* 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do texto concluímos que o Transtorno do Espectro Autista – TEA é uma condição complexa afetando a comunicação, o comportamento e até mesmo a interação social. Com isso compreendemos que nem todos os casos são iguais, havendo a necessidade de ter o conhecimento de cada quadro referente ao TEA.

Foi observado também a importância de um diagnóstico precoce, que possibilite uma intervenção rápida para que seja de alguma forma trabalhada com a criança que venha a ser de fato diagnosticada com esse transtorno. Há muito a ser feito, pois não será uma tarefa fácil levando em consideração que são vários aspectos cognitivos a serem analisados, cada criança pode apresentar um diagnóstico específico de acordo com o nível apresentado em sua avaliação. Além da equipe especializada no acompanhamento dessa criança que foi diagnosticada com TEA, também a família deverá ser presente nessa longa caminhada, pois é um processo contínuo que precisa ser trabalhado não apenas na escola, mas em casa também. Muitos estudiosos dessa área fizeram seus estudos voltados a esse tema, para poder acolher essas crianças que antes eram esquecidas, eram tratadas de qualquer jeito, sem o devido atendimento, hoje podemos contar com estudos eficientes que nos possibilita a inclusão tão debatida e muitas vezes tratada de qualquer jeito, porque o que vemos na maioria das vezes é um descaso total, o que não poderia acontecer já que temos um norte a seguir, quando o assunto é autismo, ou seja, não somos mais desinformados no diz respeito até mesmo a inclusão. Na atualidade já podemos contar com uma infinidade de pesquisas e meios que nos auxiliarão no trabalho com as crianças com Transtorno do Espectro Autista, não podemos deixar crianças com capacidades diversas ficarem de fora da busca pelo seu desenvolvimento no que se refere a aprendizagem. Quando há um diagnóstico precoce muito pode ser feito, se de fato tiver o devido acompanhamento e todas as pessoas estiverem comprometidas, ou seja, não é só os profissionais da área, mas também professores e família.

Tem-se dados importantes para serem apresentados, dados esses que mostram a porcentagem de crianças que apresentam autismo, talvez não sejam dados suficientes para se ter uma abrangência tão grande em relação ao atendimento, porém já é um ponto bastante positivo para a busca desse quantitativo, que levará ao conhecimento de toda uma população, para que com isso seja dado o devido direito a essas crianças que antes viviam a margem da exclusão

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Saraiva de Abreu et al Transtorno de especto autista. Publisher, [s. l.]. p. 1-7. 19 jul 2018. <file:///C:/Users/Sabor%20real/Downloads/2018Autismspectrumdisorder.pdf>

BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK, Giomar Maria Poletto; MICHELS Lísia Regina Ferreira. A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: Teoria e prática. Trabalho de conclusão de curso , Licenciatura em pedagogia Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapecó, 2015. <https://www.studocu.com/pt-br/document/centro-universitario-do-norte/topicos-integradores-ii-letras-portugues/battisti-e-heck-autismo/50948295>

BRUNA F. STEFFEN ; IZABELA F. PAULA ; VANESSA M. F. MARTINS ; MÓNICA L. LÓPEZ. DIAGNÓSTICO PRECOCE DE AUTISMO: UMA REVISÃO LITERÁRIA. RSM – Revista Saúde Multidisciplinar 2019.2; 6ª Ed. <https://fampfaculdade.com.br/wp-content/uploads/2019/12/12-DIAGNO%CC%81STICO-PRECOCE-DE-AUTISMO-UMA-REVISA%CC%83O-LITERA%CC%81RIA.pdf>

CANUT A.C.A, YOSHIMOTO DMR, SILVA GS, CARRIJO PV, GONÇALVES AS, SILVA DOF. Diagnóstico Precoce do Autismo: Relato de Caso. Rev Med Saúde Brasília 2014;3(1):31-7. <file:///C:/Users/Sabor%20real/Downloads/4254-Texto%20do%20artigo-19303-1-10-20140501.pdf>

DIVINA E. A. PEIXOTO; MARIANA L. MENDES . Autismo Infantil e a Inclusão na Escola nas Primeiras Décadas do Século Xxi. Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional Tecnológica do Instituto Federal Goiano. 2022. https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3095/1/tcc_Divina%20Eleuza.pdf

FERNANDA V. G. DEBETTO; GUSTAVO S. SALDANHA. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E TAUTISMO: UMA QUESTÃO DE PREFIXO? EPISTEMICÍDIO E CAPACITISMO NA ANÁLISE CRÍTICA À INFOCOMUNICAÇÃO. Encontros Bibli, Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, 2023: e92859 Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1518-2924. <https://www.scielo.br/j/eb/a/zsqzTD6vx6sBTKsJ34WZQqK/?format=pdf&lang=pt>. 2023

JEANE A. M. R. ARAUJO; ANDRÉ B. VERAS; ANDRÉ A. B. VARELLA .Breves Considerações Sobre a Atenção à Pessoa com Transtorno do Espectro Autista na Rede Pública de Saúde. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 11, n. 1, jan./abr. 2019, p. 89-98. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v11n1/v11n1a07.pdf>.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação escolar: Políticas, estrutura e organização*. 10.ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2012. <https://dokumen.pub/educao-escolar-politicas-estrutura-e-organizacao-10-revista-e-ampliadanbsped.html>

MENESES, José Marques et al. família e o transtorno de espectro autista (TEA): entre direitos e definições. *Editorarealize*, [s. l.]. p. 1-12, 2013. <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60493>

RAYSSA N. M. PINTO; ISOLDA M. B. TORQUATO; NEUSA COLLET; ALTAMIRA P. S. REICHERT; VINICIUS L. S. NETO; ALYNNE M. SARAIVA. *Rev Gaúcha Enferm.* 2016 set;37(3):e61572. <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>

SERRA, Dayse. Autismo, Família e Inclusão. *Polêmica*, *Revista Eletrônica*, v. 9, nº 1, p. 40-56, jan./mar. 2010. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/25/a-importancia-da-familia-para-o-sujeito-portador-de-autismo-a-educacao-e-a-formacao-docente>

SILVA, Severina Rodrigues de Almeida Melo. Mediação escolar no transtorno de espectro autista: abordagem na sala de recursos multifuncional. *Educação Pública*, v. 19, nº 6, 26 de março de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos>.

VANIA R. GIRIANELLII , Jeane TomazelliII , Cosme Marcelo Furtado Passos da SilvaIII , Conceição Santos Fernandes. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. *Rev Saude Publica.* 2023;57:21. <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JBftZkCxZ6SYbqkJhyvCGYP/?format=pdf&lang=pt>